



**UnB**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE**

Brasília – DF

2017

Mariana Pireneus Cardoso

## **REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora PhD Patrícia Lima Martins Pedreira

Brasília - DF

2017

Mariana Pireneus Cardoso

## **REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. PhD. Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora)

Departamento de Métodos e Técnicas / FE / UnB

---

Augusto Charan Alves Barbosa Gonçalves

Doutorando PPGE/ UnB

---

Sheila Gomes de Almeida

Mestranda PPGE/ UnB

---

Maria Aparecida Camarano Martins

Doutoranda PPGE/ UnB (suplente)

Data da aprovação: 03 de fevereiro de 2017.



*“Que Sejam Felizes todos os Seres, Que sejam Abençoados todos os Seres, Que vivam  
em paz todos os Seres”*

(Fraternidade Flor Da Terra)

## AGRADECIMENTOS

A origem da palavra obrigado vem do latim *obligatus*, derivado do verbo *obligare*, que significava fico-lhe ligado pelo favor que me fez, por isso costume dizer GRATIDÃO, que na sua origem significa estar grato por algo.

Dessa forma eu agradeço primeiro ao universo e a fonte infinita de amor pela possibilidade de estar aqui e agora. Gratidão a todos os Mestres do universo, minha reverência em especial ao Cristo, Arcanjo Miguel, Buda, Kuthumi, comandante Ash-tar, Astra Lux e aos Comandos Estelares ; As Mestras Maria, Pórtia, Gaia e a todas as Abuelas indígenas. Agradeço também a todos os seres indígenas e seres Orixás e Guias da umbanda, minha profunda reverência e gratidão. Aos todos os demais mestres, profunda gratidão.

Agradeço a minha mãe Elisía e meu pai Edimar, primeiramente me possibilitarem a existência, por todo amor e dedicação, por me encorajar a trilhar meu próprio caminho, por possibilitarem as condições para levantar meus voos. Sem vocês eu nada seria. Agradeço ao meu pai de coração Jayme que é Mestre em educação e assim como meu pai Edimar tanto me inspirou e me possibilitou minhas reflexões, me dando incentivo e coragem para a militância. Agradeço a meus avós Maria e Zico por me acolherem e cuidarem com tanto amor e zelo na minha estadia morando com eles. Agradeço profundamente a mulher que tanto me ensinou e como filha me amou, a madrinha Edite profunda gratidão, a minha primã Silvana por todos os conselhos, conversas e amor. Gratidão!

Aos meus irmãos de coração um ahoo especial, por todo amor e auxílio nessa jornada de UnB: Guilherme, Rayssa, Iago, Priscila, Emily, Haruka, Lourenço, Vanessa, Milene e aos irmãos de coração que não foram citados se sintam amados e agradecidos por mim.

Gratidão ao movimento estudantil de e ao centro acadêmico de pedagogia, por todos os ensinamentos que tive, a todos os companheiros digo: A Luta Continua. Agradeço em especial a minha amada orientadora Patricia Pederiva uma grande Mestra que encontrei nessa caminhada. Aos demais professores e mestres da minha trajetória a gratidão.

Gratidão a todas amorosas mulheres e as bruxas que passaram por minha caminhada, amadas hermanas, estamos juntas em um só coração! Agradeço também a todos os seres de amor que me acompanham nessa jornada: irmãos amados, gratidão. Em especial agradeço com muito amor e alegria ao todo Flor da Terra, local onde encontrei minha família de coração, sou imensamente feliz por caminhar com vocês.

Por último eu REVERENCIO E AGRADEÇO profundamente meus amados Mestres Paulo Ramos Coelho Filho e Sri Prem Baba que amorosamente me acolheram na sua caminhada, Mestres profunda gratidão por tudo.

Pachamama, Gaia, Mãe Terra!

Gratidão!

## RESUMO

Esse ensaio foi realizado como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de pedagogia da Universidade de Brasília, ele é resultado de um “trilhar pedagógico” e das vivências Históricas- Culturais da autora. O trabalho consiste na reflexão entre educação e espiritualidade.

As reflexões levantadas pela autora se iniciam por meio das inquietações que surgem a partir da própria experiência da educação atual, que possui caráter racionalista, com isso, anseia por uma educação que vise englobar e valorizar as demais dimensões humanas. Dimensões que foram desvalorizadas ao longo da história, mas que hoje emergem da necessidade de uma educação que trabalhe além da intelectualidade, outros pilares de formação humana: o pilar emocional e espiritual, que há muito foram esquecidos.

A espiritualidade tratada na pesquisa como uma dimensão humana que possui uma relação dialética com a religião, mas não é vinculada a nenhuma prática religiosa, por fim, reflete de que maneira espaços educativos poderiam se constituir num espaço que proporcione de vivência da espiritualidade para o desenvolvimento pleno do indivíduo.

**Palavras chaves:** Espiritualidade e educação, Educação integral, Educação amorosa.

## **ABSTRACT**

This essay was carried out as a Course Completion Work of the course of pedagogy of the University of Brasilia, it is the result of a pedagogical approach and the socio-cultural experiences of the author. The work consists in the reflection between education and spirituality.

The reflections raised by the author start from the restlessness that emerges from the very experience of current education, which has a rationalist character, with that the search for an education that aims to encompass and value the other human dimensions. Dimensions that have been devalued throughout history, but which today emerge from the need for an education that works beyond the intellectual, other pillars of human formation, the emotional and spiritual pillar, which have long since been forgotten.

The spirituality raised in research is a human dimension and has a dialectical relationship with religion, but it is not linked to any religious practice and, finally, regarding the reflection of how educational spaces could be constituted in a space that provides the experience of the Spirituality for the full development of the individual

**Key words:** Spirituality and education, In-tegral education, Loving education.

## SUMÁRIO

1-LISTA DE FIGURAS	09
2-Memorial	10
2.1- A dimensão da espiritualidade	13
2.2- Sobre meditação e cura	14
2.3 - Contextualizando a pesquisa	15
2.4 - Espiritualidade e educação	17
3- A dimensão da espiritualidade e integralidade do ser	19
4- A Doutrinação Religiosa	22
5- A espiritualidade	26
5.1- <i>A conexão Transcendental</i>	27
5.2 - <i>O universo interior e a auto descoberta</i>	29
5.3 - <i>O despertar do Amor</i>	32
6- Educação e espiritualidade	34
7- Próximos passos da caminhada	40
8-REFENRECIAS	41



## **1- LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 01:</b> Quadro das dimensões integrais humanas.	20
<b>Figura 02:</b> O Buda meditando.	31
<b>Figura 03:</b> Flor de Lótus.	33
<b>Figura 04:</b> Símbolos milenares celta e hindu.	34

## **1- Memorial**

Sou Mariana Pireneus, tenho 22 anos e filha de pais separados. Minha mãe na época era uma menina. Mas com todo amor fez “das tripas coração” para me educar e, com certeza, me deu o melhor que podia para sua compreensão da época. Já meu pai era um político afamado. Não tinha muito tempo para ficar comigo. Desde pequena eu ia junto com ele nos compromissos políticos. Mas só o que eu queria, era um pouco de carinho e atenção desse pai que, era presente fisicamente. Mas, sua mente sempre estava voltada pra sua vida política.

Por volta dos seis anos de idade, minha mãe se casou de novo. Ela estava num processo muito forte de busca espiritual, tentando compreender as dores que haviam em sua alma. Como toda criança, eu possuía muita energia e uma vontade imensa de conhecer tudo, de experimentar tudo. Além de toda essa vontade de viver, havia uma criança carente de atenção, que usava todos os artifícios de uma criança travessa para ser notada. Os médicos convencionais optaram por me diagnosticar com hiperatividade, ao invés de investigar as causas de sintomas tão claros como os de uma criança levada.

A escola tradicional não fazia o menor sentido. Pois, não existia coisa mais aterrizante para uma criança faminta em desvendar os mistérios do mundo, ter de ficar sentada em sala de aula apenas escutando a perspectiva de uma professora de meia idade com práticas tradicionais. E, com certeza, não é uma perspectiva tão criativa e encantadora como a de uma criança em desenvolvimento.

O tempo foi passando e o casamento de minha mãe com meu padrasto lhe trouxe um mundo novo, cheio de novos sentimentos. Ela entrou em contato com a espiritualidade e, assim, começou sua caminhada espiritual. Conforme o tempo e as experiências se seguiram, ela passou a ser uma buscadora incansável da espiritualidade, passado por vários locais, procurando essa comunhão com a fonte de amor universal, que em muitas correntes é nomeada como Deus. Passamos pelo cristianismo - catolicismo, protestantismo, espiritismo. Religiões de matriz africanas - candomblé e umbanda, paganismos, teosofia, budismo, taoismo, hinduísmo, xamanismo oriundo da floresta amazônica e muitas outras correntes espirituais.

Eu sentia uma grande conexão com todo esse novo universo, mas vivia a vida de uma adolescente que poderia se considerar normal, para uma menina de classe média. A profunda entrega espiritual me parecia uma busca de pessoas mais velhas que haviam vivido as experiências mundanas profundamente. Com o passar dos anos e com a chegada da maturidade, minha mãe e meu padrasto perceberam que havia algo maior, além de tudo, e resolveriam buscar novas experiências. Era um caminho pouco atraente para uma adolescente que tinha sede da vida, sede das experiências do mundo. Eu esperava que quando a minha maturidade chegasse junto com os cabelos brancos também trilharia o caminho espiritual, mal sabia que estava bem enganada.

Poucas semanas antes de eu completar dezoito anos, minha mãe após uma viagem à Chapada dos Veadeiros, chegou decidida em se mudar de Brasília. Após quinze dias da viagem, minha mãe se instalava na nova vida em Cavalcante- GO, uma das cidades da Chapada.

Desse dia em diante, eu precisaria sair do ninho, e aprender a alçar meu próprio voo na vida. Na busca de tentar expressar meus “dons e talentos” entrei em um curso de direito, onde meu objetivo seria aprender sobre as leis, organização estatal, aprender a falar e a pensar de forma ampla para que seguisse os passos do meu pai com a finalidade de me tornar uma grande política. Porém, esse não era um anseio oriundo da minha alma, não era uma expressão dos meus verdadeiros dons e talentos. Esse passo que havia dado era uma resposta social às cobranças que a sociedade me pressionava. Em menos de quinze dias de faculdade, eu estava deprimida em pensar que teria que passar minha vida inteira trabalhando com aquilo. Logo, me desesperei. Bati meus joelhos no chão e rezei com muita fé. Pedi a todo o cosmo que me mostrasse uma saída para àquela situação. Acabei esquecendo que, no meio dessa situação de desespero, eu havia me inscrito em alguns vestibulares em cursos aleatórios. E então, por surpresa do destino, havia passado no vestibular para a pedagogia e iria tentar a sorte.

Entre para o curso de pedagogia e me apaixonei pela educação, percebi que ela era a força motriz de mudança da sociedade. Já no segundo semestre, resolvi entrar no

movimento estudantil, entrei no Centro Acadêmico de Pedagogia como aluna colaboradora, já que as eleições já haviam passado. Fiquei um ano participando e vendo as lutas políticas dentro da faculdade, aprendi a falar em público, a convencer as pessoas e fazer análise de conjuntura política. Um ano depois, eu já sabia os principais problemas da pedagogia e da faculdade, já conhecia grande parte dos alunos e professores, montei uma chapa para concorrer a direção do Centro Acadêmico, e, por fim, ganhámos. O nosso plano político era extenso e ousado, sabia que conseguiríamos o nosso objetivo. A proposta política mais ousada era conquistar um novo espaço físico para o Centro Acadêmico. Nessa altura da gestão, eu ocupava o cargo de Coordenadora geral, tinha cadeira de representação Estudantil no Departamento de Teorias e Fundamentos, na Câmara de Graduação e no Conselho da Faculdade de Educação.

Em Assembleia Geral, os estudantes deliberaram todos os passos necessários para a articulação de um novo espaço físico. Fizemos o abaixo assinado e fomos com “cara e a coragem” exigir os direitos estudantis durante uma reunião do Conselho. Ao longo do processo, ganhei a antipatia de alguns professores, e outros passaram a me admirar pela coragem e ousadia. Afinal, eu estava lutando por um espaço físico que pertencia ao maior departamento da Faculdade de Educação. Os estudantes conseguiram, em três dias, por volta de setecentas assinaturas, pedindo um espaço físico ao Centro Acadêmico.

Usamos vias legais para garantir a legitimidade do processo, porém a luta institucional era desigual pela falta de paridade entre os professores e os estudantes no conselho da faculdade de Educação. Alguns estudantes com maior articulação dentro da Faculdade de Educação se uniram para auxiliar nas reuniões dos colegiados. Em uma reunião extraordinária do Conselho- conseguimos através, de articulação estudantil, garantir nosso espaço físico de forma legítima. Após um mês, entreguei a gestão do centro acadêmico com um novo espaço físico e com todas as propostas de chapa concluídas ou minimamente articulada e encaminhadas.

O movimento estudantil acrescentou muito mais na minha formação como pedagoga, mais do que os quatro anos de sala de aula: maturidade, responsabilidade, me ensinou a falar, respeitar a fala do outro e a ouvir. Aprendi a respeitar as diferenças, a ver a dor do outro e não ficar calada, aprendi a ter voz. Aprendi a trabalhar em coletivo, respeitar decisões de maioria que nem sempre era o que eu concordava, Aprendi muito

com as minorias indígenas, negros, quilombolas e LGBT'S. Me reconheci mulher e enxerguei o machismo institucionalizado em várias áreas da Academia e fora dela também, senti pela primeira vez a empatia.

Em paralelo ao movimento estudantil, as outras áreas da minha vida também caminhavam de forma orgânica. Senti uma profunda dor vinda da alma e nenhum artifício que eu utilizava era capaz de curar essa dor. Percebi então que essa dor era oriunda da ruptura que existia da minha essência e o fluxo de amor do meu ser. Comecei uma busca obstinada pelos caminhos espirituais que auxiliariam a curar essa dor.

## **2.1- A dimensão da espiritualidade**

Entrei em contato novamente com a espiritualidade, pois ela acessava com facilidade as dimensões humanas que a formação escolar focalizava na formação intelectual ou não trabalhava ou se aprofundava. A espiritualidade é um universo incomensurável de conhecimento, caminhos, correntes e culturas, que buscam a comunhão com o divino e procuram o bem estar humano. Várias filosofias, religiões ou caminhos consideram o ser humano como um ser integral ao universo e todas suas dimensões como: emocional, intelectual, corporal e espiritual são valorizadas. Em minha rotina, passou a prevalecer qualquer assunto, palestra, livro, conversa ou qualquer coisa que me auxiasse nessa descoberta, que eu considerava como uma cura.

Durante alguns meses de profundas pesquisas, experiências e entrega, fui descobrindo universos e dimensões que jamais havia entrado em contato. Outros caminhos haviam passado por mim através das experiências dos meus pais, mas não havia vivenciado meu próprio processo. Cada vez que me aprofundava mais nos infinitos temas, correntes e sensações todos os caminhos me direcionavam a um eixo central: A dissolução de traumas, sensações, emoções, energias, crenças que impossibilitam e dificultam o fluxo da consciência amorosa. De acordo com psicólogo e líder humanitário Sri Prem Baba, o desenvolvimento da consciência amorosa é:

O amor desperto é um fluxo contínuo de compaixão; é quando podemos nos colocar em no lugar do outro e sentir a dor dele; quando reconhecemos o potencial adormecido no outro e damos força para esse potencial se manifestar. É uma vontade sincera de ver o outro brilhar; de ver o outro feliz e satisfeito. É isso que chamo de 'autêntico altruísmo'. A principal característica do amor desperto é a doação de-

sinteressada. Assim como a flor espalha seu perfume e sua beleza gratuitamente; e assim como o sol espalha o seu calor e sua luz; assim como a chuva molha a terra, e água mata a sede, a essência do ser humano AMA (BABA, 2015, p.21).

Ou seja, faz parte da essência humana amar, mas o amor a qual me refiro não é o amor romântico. É a fluidez equânime do potencial criativo humano em ação. Dessa forma, o fluxo referido desperta as melhores capacidades humanas a partir de um ponto neutro. Respeitando os potenciais inerentes a todos os seres.

Em certo momento da caminhada, me deparei com um ser muito amoroso, Sri Prem Baba. Ele é um psicólogo brasileiro que se tornou um Líder Humanitário em Rishkesh na Índia e recentemente abriu um ashram (templo religioso) em Alto Paraíso na Chapada dos Veadeiros, onde possui um extenso trabalho que se chama “O Caminho do Coração” que incentiva a auto investigação dos bloqueios que nos impedem de acessar o potencial da consciência amorosa. O trabalho consiste na autoanálise das emoções, crenças, padrões, traumas que fortalecem sentimentos de desarmonia, competitividade, carência, maldade, busca exacerbada do poder, violência, opressão e todos os outros padrões contrários equilíbrio do ser.

Quando entrei em contato com toda a nova perspectiva, um grande leque de possibilidades se abriu, tornou o caminho espiritual mais real e concreto, pois ele mexia de forma factível muitas coisas que haviam feito parte, ao longo do meu campo de vivências sido sublimadas, guardadas, silenciadas, oprimidas, escondidas e esquecidas. Muitos fatos de infância que eu não recordava, mas havia ficado registrado no meu subconsciente, mudando completamente minhas percepções e ações mundo. Percebi que a maior parte dos meus padrões sócio emocionais, até hoje, são resultados de dores e traumas da minha infância. Comecei então a me auto investigar de forma mais constante, a ferramenta que havia sido indicada e por mim utilizada, foi o cultivo do silêncio com concentração na respiração, ou seja, a Meditação.

## **2.2- Sobre meditação e cura**

Conforme ia praticando a meditação, percebi que os outros inúmeros caminhos espirituais que havia entrado em contato trabalhavam no mesmo sentido, despertar o potencial amoroso dos seres, Conheci então, um grupo de meditação, na qual hoje faço parte. Esse grupo é composto por pessoas de todas as idades, desde jovens como eu até senhoras idosas, o que foi um presente pra minha vida social.

Pois nesse momento da caminhada havia me tornado vegana, não frequentava mais as festas da universidade, tão pouco os bares, meu ciclo social havia se desmanchado. Nada que havia vivido no passado fazia sentido, quase tudo era reflexo da dor que existia na minha alma. Conforme conseguia me curar das dores, percebi o fluxo infundável da consciência amorosa começando a surgir na minha consciência. Dessa forma tudo que identifiquei que existia a partir da dor, sofrimento, carência, pacto de vingança entre outros. Isso passou a não existir mais, não menosprezo de forma alguma o que vivi, pois faz parte do que eu sou como resultado das experiências vividas.

### **2.3 - Contextualizando a pesquisa**

No decorrer da escrita desse trabalho um processo político forte e denso pairava sobre o Brasil, um golpe se instaurou na Presidência da República e com ele surgiram inúmeras reformas, decretos e emendas constitucionais que feriam profundamente os direitos garantidos que foram resultados de anos de luta. Não podendo ficar inerte frente às inúmeras atrocidades que vinham surgindo, manobras que um específico grupo político a fim de delimitar um projeto de nação liberal e positivista tinham como foco a específico a educação os estudantes secundaristas tomaram a frente e instauraram os processos de ocupação nas escolas públicas de todo o país. A Universidade de Brasília não ficou para trás teve quinze prédios ocupados, mais de oito mil alunos sem aula lutando a cada segundo pelo direito a Educação pública e de qualidade, o processo de ocupação da UnB girou em torno de 44 dias, sendo eles dias graciosos e noites incertas. O processo de ocupação construiu e desconstruiu vários processos que julgo serem importantes na minha caminhada e no coletivo que vivia naquele ambiente.

Para o curso de pedagogia que há anos vem lutando por direitos da educação e que vinha de uma Faculdade de Educação inerte frente às lutas políticas internas da universidade e externas a sociedade, um clima de união se instaurou nas três principais classes que ocupam o espaço. Os estudantes tomaram a frente do processo e declararam greve estudantil junto com processo de ocupação dos três prédios da FE, os professores logo assumiram a greve estudantil e em maioria respeitaram o processo político que vinha acontecendo, logo se uniram a luta mesmo sua classe não deflagrando greve. Pararam as aulas, doavam alimentos, davam aulas públicas, teatros, oficinas, dinheiro para as despesas e não achando que era o suficiente a professora Cláudia Dansa que faço um profunda reverencia nesse momento, se uniu a nós e dormiu junto a ocupação. Gostaria

também de agradecer a todos os professores que estiveram ao nosso lado a todo o momento e em especial à Patricia Pederiva, José Villar, Ana Maria de Albuquerque, Luís Araújo, Cláudia Sanz e Carlos Lopes. Além de todos esses fatos citados, ocorreram dentro da Ocupação da FE, aulas públicas com grandes pensadores como Demerval Saviani. Mas, não só glórias vivemos no nosso processo. Os ataques noturnos eram constantes. Alunos de movimentos políticos de direita agrediam alunos sucateavam prédios e até soltavam bombas em ocupações com intenção de desmoralizar, difamam e denegrir a imagem de estudantes de luta.

Porém as conquistas geradas pelos processos diários foram superiores aos ataques fascistas que sofriamos na calada da noite, processos no qual vivemos e aprendemos profundamente com eles. A autogestão e a gestão democrática de um espaço público foi o carro chefe do processo vivenciado: vivências de meditação e ioga, práticas como a escuta sensível lideravam o processo, alimentação vegana eram pensadas, em especial, rodas culturais também agregavam. A grande mudança foi definir que bebidas alcoólicas e drogas eram vetadas naquele espaço visando que o movimento era algo sério e não estávamos ali para celebrar e sim para LUTAR por direitos que nos foram arrancados sem anestesia.

Sem mais delongas, descobri que a transformação dos espaços é possível, desde que comecemos com **mudanças individuais internas**. O espaço era saudável e as pessoas tinham a verdadeira intenção de conviver em um espaço autônomo onde a auto responsabilidade era o pilar fundamental que sustentava a autogestão, a sanidade mental e emocional dos colegas era prioridade para o bem estar coletivo, as atividades eram divididas de forma respeitosa com todas as particularidades dos companheiros, dessa maneira consegui perceber que **dentro dos espaços ditos acadêmicos outro tipo de relação e ensino podem ser praticados**, uma educação que leva em consideração a importância do outro na construção do espaço educativo, a importância da empatia e se fosse elencar duas palavras para sintetizar o que aprendi em todo esse processo foi: União e Respeito. Ao refletir sobre espaços de militância política e a espiritualidade Oliveira (2015) afirma:

Quanto à luta de classes e a espiritualidade, uma não exclui a outra, senão, ao contrário, fortalecem-se mutuamente. A primeira pode até se negar a condição espiritual do homem, mas a última se verdadeira, jamais poderá negar a justiça e liberdade que são os objetivos desta luta pela emancipação humana, pois também são os seus. A tristeza e a indignidade a que são submetidos os homens pelas relações sociais de



dominação, não são apenas “condições materiais”, são, também, “estado de espírito”, como o é a avidez humana por possuir e dominar. A luta por emancipação é a luta pela felicidade e dignidade humana, pois estas não podem ser compradas e nem estão à venda nos supermercados, imobiliárias ou concessionárias de automóveis. Encontram-se fundamentalmente dentro de cada um (no universo interior em sentimento de ligação com tudo que existe). E é com a Luz do Amor e da Inteligência que venceremos esta guerra, pois se aceitarmos o que o mestre Paulo Freire diz: que ao oprimido não cabe ocupar o lugar do opressor, pois deverá ele libertar a si e ao seu opressor. Grande será a lição de Amor que os oprimidos darão a humanidade ao desabarem dos palácios de cada coração toda a farsa, todo o ódio e todo egoísmo. O esplendor da humanidade se erguerá em uma nova sociedade. E isto nos exige imperiosamente algo: trabalhar (OLIVEIRA, 2015, p. 66).

Não conseguimos derrubar os retrocessos que só aumentam a cada dia, muito menos o governo sobre o qual tenho opiniões duras e sérias, porém, aprendemos muito e com outras formas de organização mostramos mais uma vez ao estado que existem outras possibilidades de formação humana e escolar do que essa forma ultrapassada e precarizada que aprendemos todos dias nas Escolas e Universidades.

## **2.4 - Espiritualidade e educação**

Em um processo reflexivo sobre como a dimensão espiritual transformou minha realidade dissolvendo os traumas, as dores e emoções, em que as raízes estão ligadas diretamente aos eventos vividos na infância, descobri e alcancei dimensões espirituais que jamais achei que alcançaria, como: amor, respeito, gentileza, não violência, amizade, sororidade, empatia, harmonia, convivência pacífica, diálogo, comunicação não violenta e principalmente o trato das emoções humanas.

Essas dimensões mencionadas foram segregadas e menosprezadas durante a história da humanidade, o conhecimento intelectual foi legitimado como superior às outras competências humanas. Esse movimento histórico foi um dos movimentos responsáveis pela a segregação das habilidades individuais, onde setorizaram os espaços de aprendizagem por competências, perdendo umas das maiores virtudes, a capacidade de desenvolvimento integral do indivíduo. Ou seja, deixamos de nos perceber como seres integrais, de infinitas possibilidades e passamos a desenvolver determinadas competências a partir do contato específico com uma esfera social. Mas, qual a causa de não nos identificamos como seres de competências integralizadas? Se todas as habilidades e competências são importantes para o desenvolvimento da plenitude humana, porque algumas são mais valoradas que outras?

A educação em geral, se esqueceu do desenvolvimento integral das diversas habilidades que compõem o indivíduo. A escola é o espaço educativo mais valorizado da sociedade atual, se tornou o maior palco do desenvolvimento das habilidades infantis e as crianças passam a maior parte do dia desenvolvendo de forma massiva suas habilidades intelectuais, não respeitando o processo natural e orgânico de desenvolvimento equânime do potencial criativo humano. Se as demais habilidades humanas e principalmente as habilidades emocionais são importantes para a construção de seres mais completos e uma sociedade mais equilibrada, se durante a vida estamos reproduzindo experiências da infância, porque menosprezamos dimensões tão importantes na formação da criança? Porque precisamos fragmentar para a espiritualidade o desenvolvimento dessas habilidades humanas?

Por fim: **de que maneira espaços educativos poderiam se constituir num espaço que proporcione de vivência da espiritualidade para o desenvolvimento pleno do indivíduo?**

### **3- A dimensão da espiritualidade e integralidade do ser**

Quando me propus a construir esse trabalho não imaginava o que me aguardava dentro do processo de estudo e escrita. Vivencio hoje um conto da sabedoria popular ancestral onde sua principal reflexão está pautada em compartilhar o seguinte: a caminhada é mais importante que o destino, ou seja, no meu caso mais importante que a conclusão objetiva desse trabalho, são as vivências, reflexões e os caminhos que trilho na construção desse. Perceber que dentro dessa reflexão na qual o objetivo é escrever sintetizar algumas ideias e conceitos importantes, o essencial é descobrir minha própria caminhada espiritual. Assumo que hoje sou muito jovem e que apesar de inúmeras vivências, a minha caminhada é pequena quando comparada a de uma anciã. Assumo também que dentro desse processo de auto descoberta me julgo imatura. Hoje, para conceituar espiritualidade, mas, me debruçarei na tentativa de refletir sobre algumas dimensões que julgo importantes para formação integral do ser. Santos Neto (2006) ao refletir a concepção antropológica do homem pensada por Stanislav Grof diz:

Cada pessoa é assim uma totalidade que comunga com a totalidade dos demais seres. Ela é o corpo, razão, emoção e espiritualidade. Pelo corpo ela está encarnada na matéria densa e tem a possibilidade de locomover-se, criar, sentir, trabalhar e transformar o mundo material. A partir daí ela pode dizer: “Eu sou um corpo.” Para tanto, ela necessita ter a consciência de sua encarnação: sentir o seu corpo, conhecer suas energias, possibilidades e limites (SANTOS NETO, 2006, p.27).

Para compreender a espiritualidade faz-se necessário entender sobre as dimensões que compõem o indivíduo. De acordo com Ferdinand Röhr (2012), existem inúmeras dimensões de constituição individual, mas são cinco principais dimensões básicas que fundamentam a composição integral do ser, sendo as outras ramificações e desdobramentos das dimensões principais. As dimensões são classificadas como: Dimensão física, dimensão sensorial, dimensão emocional, dimensão intelectual e dimensão espiritual, cada dimensão especifica engloba uma série de atributos que compõem sua esfera e elas estão em constante diálogo e integração.

As dimensões são compostas por determinadas características dimensão física: é determinada pela nossa composição física/material, ou seja composição corporal, composição biológica e funções vitais; Dimensão sensorial: é composta principalmente pelos cinco sentidos tato, olfato, paladar, visão, audição. Ou seja, toda as sensações físicas

compões essa dimensão; dimensão emocional: é formada pela vida da nossa psique, pelo nosso consciente e subconsciente, também engloba emoções, sentimentos, crenças e traumas; dimensão mental: é composta pela razão e lógica, ou seja a capacidade de pensar, sistematizar questionar, refletir, memorar, imaginar, criar, compreender e etc; por ultimo e muito importante a dimensão espiritual: essa dimensão tem por base a transcendência a realidade palpável, nos conecta com algo que é superior à materialidade e nos proporciona as experiências transpessoais. A dimensão espiritual é a que nos permitem todas as experiências de transcendência do plano físico ao plano sutil, é o que nos conecta com uma força maior seja ela qual for independente da prática religiosas existentes no mundo. De acordo com Santos Neto(2006), interpretando e refletindo as palavras de Stanislav Grof é:

Pela *experiência espiritual* o homem consegue perceber o vínculo que liga todas as coisas; o engano de permanecer apenas na aparência da matéria exterior; a capacidade humana para criar e amar, e, ao mesmo tempo, encarar provas que ameaçam a vida e conseguir ver tudo isso em um grande sentido. Entretanto, a corporeidade, a racionalidade, a emocionalidade e a espiritualidade não se manifestam da mesma forma em cada uma das pessoas (SANTOS NETO, 2006, p. 28).

Essa ordenação das dimensões é proposta por Röhr (2012) a partir do nível de densidade que cada plano possui, ou seja, partimos de um plano denso: a dimensão física que é sutilizando de forma gradativa até alcançar um plano mais sutil que é a dimensão espiritual. Apesar de essas dimensões serem consideradas dimensões distintas, elas são interligadas, ou seja, elas estão em constante conexão a todo o momento, assim quando uma se desarmoniza simultaneamente afetará as outras em decorrência. Um exemplo é quando um individuo possui fortes traços emocionais que o impede de dirigir um veículo (dimensão emocional e física) e partir de meditações (dimensão espiritual) ele ultrapassa as barreiras que o impedem de exercer tal atividade. Ou quando uma pessoa entra em conflito espiritual e isso afeta sua vida material diretamente.

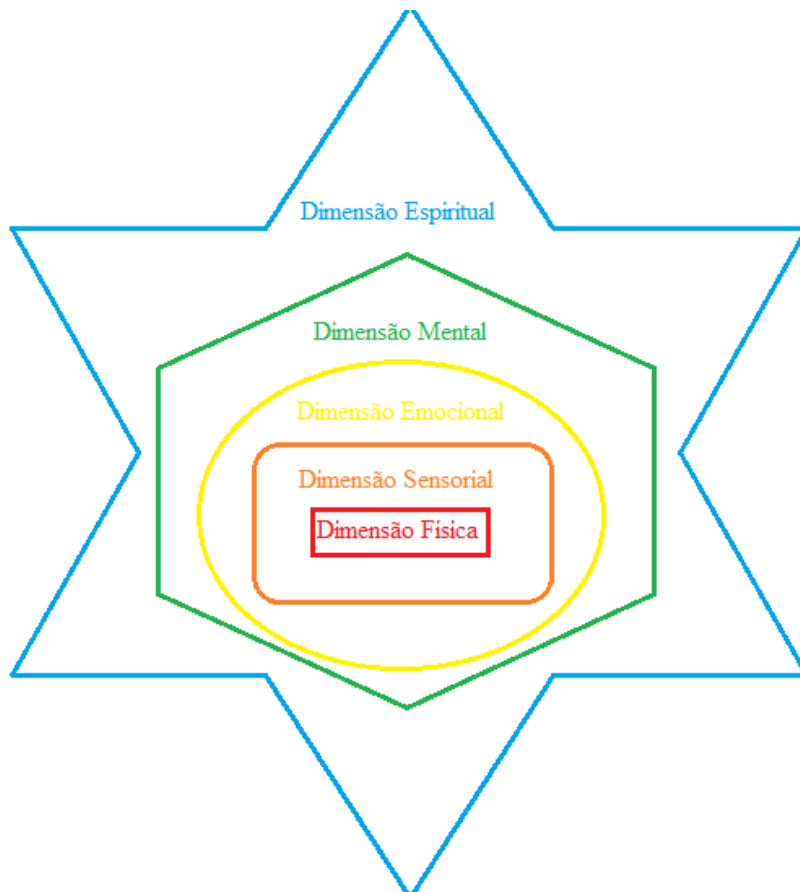


Figura 01: Quadro das dimensões integrais humanas (baseado no estudo das dimensões de Ferdinand Röhr). As relações entre as dimensões não são hierárquicas, são integrais.

O equilíbrio das dimensões é necessário para o desenvolvimento integral do indivíduo, quando abafamos ou desvalorizamos uma das dimensões as outras por consequência se desequilibrarão pois a ordenação sistêmica não está sendo respeitada, dessa maneira todas as dimensões tem importância no sistema de formação humana. A maior parte dos espaços escolares de formação hoje não considera a dimensão espiritual importante para formação humana e quando a consideram vinculam a prática religiosa. Um exemplo são as escolas cristãs que a dimensão espiritual é vinculada as praticas religiosas como: missas e cultos. A dimensão espiritual traz consigo a percepção de espiritualidade que é uma característica particular humana, só conseguimos perceber a espiritualidade graças a dimensão espiritual, que nos permite a transpessoalidade e a transcendência, ou seja perceber que existe algo maior que a matéria.

Dessa maneira, se faz necessário refletir sobre a espiritualidade e suas diversas percepções. É importante ressaltar que o tema é complexo, pois as definições podem ser vastas, existem inúmeras percepções sobre o tema que partem do processo histórico

cultural do indivíduo. Desse modo, é crucial que haja reflexão e um pensamento crítico sobre o assunto. Para Oliveira e Ferreira a sua percepção de espiritualidade é:

A espiritualidade passa por uma forma de experiência, que não pode ser descrita em mitologia ou dogma, não é uma forma de instituição. Dessa forma, a espiritualidade é um processo que emerge na consciência pessoal. (Oliveira, 2015; Ferreira, 2015).

A espiritualidade frequentemente é confundida com práticas religiosas, cabe salientar que definir espiritualidade e religiosidade é delicado pois existe uma linha tênue entre as duas perspectivas e, como já ressaltai acima a interpretação da espiritualidade é um processo individual e gradativo. Mas, devemos ter perspicácia para ponderar algumas armadilhas que as organizações religiosas e a “espiritualidade” podem nos proporcionar com finalidade de dominação e manutenção do poder. Ferdinand Röhr possui um forte posicionamento sobre as características que levam pessoas se denominarem espiritualista:

As mais comuns: a rejeição ao materialismo, seja ele político, econômico, filosófico ou ateísmo em geral; a crença numa força superior ao homem que confere sentido à vida; e, no mínimo, um distanciamento em relação às religiões formais e tradicionais. No demais, os conceitos variam das mais rasteiras declarações de autoajuda até os mais sinceros esforços de harmonizar-se consigo, com a humanidade e com o cosmo. Podem apresentar os coloridos do esoterismo mais folclórico, podem provir dos sectarismos de rituais e poderes inventados e vazios, de consumo de alucinógenos sob a manta de prática religiosa, do sincretismo aleatório de religiões num suposto espírito ecumênico, de um esforço holístico de juntar ciência, filosofia e tradições religiosas, especialmente as orientais, e, finalmente, da sincera busca de encontrar nas religiões a sua verdadeira essência (RÖHR, 2012,p.13).

#### **4- A Doutrinação Religiosa**

Não podemos desmembrar as práticas religiosas da prática da espiritualidade, pois elas possuem uma relação dialética. Onde as práticas religiosas são alimentadas pela espiritualidade e o anseio de conexão com o transcendente, mas elas podem se tornar armadilhas de detenção de poder quando, organizações religiosas ou grupos se apropriam de espaços religiosos para manipulação dos indivíduos, disseminando segregação em várias camadas sociais e muitas vezes utilizando e distorcendo os discursos

para detenção de poder, alegando que a conexão com a espiritualidade é superior ou mais fluída com um grupo específico de pessoas, dessa maneira, para o exercício espiritual é necessário terceiras pessoas com maior “conexão” com a finalidade de intermediar as relações dos não tão conectados com o Divino. O grande exemplo dessa comum situação, são os séculos de dominação da Igreja Católica, onde uma organização religiosa se tornou parte do estado e manipulou, doutrinou indivíduos para a manutenção do poder para um grupo específico. Dessa maneira Althusser (1996) define a religião como um Aparelho de Ideologia do Estado (AIE):

Daremos o nome de Aparelhos Ideológicos de Estado a um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. Delas propomos uma listagem empírica, que obviamente terá que ser examinada em detalhe, verificada, corrigida e reorganizada. Com todas as restrições envolvidas essa exigência, podemos, de momento, considerar as seguintes instituições como Aparelhos Ideológicos de Estado[...]: O AIE religioso [o sistema das diferentes Igrejas] (ALTHUSSER, 1996, p. 114).

É necessário explicitar o papel político da religião visto que hoje no Brasil e no mundo pessoas são vítimas todos os dias por intolerância religiosa, além do principal fato de religiões específicas que em sua maioria se dizem Cristãos se inserem em espaços políticos com finalidade de deter o poder em nome de suas crenças e ideologia. Algumas instituições religiosas por diversas vezes doutrina indivíduos alienando-os com seus princípios morais e crenças. A história da humanidade por inúmeras vezes foi, palco para guerras religiosas e santas que foram travadas na defesa da moral religiosa e por disputa de poder de grupos religiosos, homens derramaram sangue e dor em nome de instituições que em maioria tinham como princípio fundamental o amor universal. Hoje no Brasil não temos uma guerra declarada, mas vivemos uma guerra santa silenciosa quando pessoas de religiões e crenças das mais variadas e principalmente de matrizes africanas são vítimas de toda forma de preconceito e violência nos mais variados espaços da sociedade. A contraponto a realidade cristã diariamente alguns pastores da bancada evangélica aumentam em número a representatividade cristã nos mais variados espaços políticos, nos quais lutam por modelo de nação: conservadora, machista, homofóbica, racista que possui extremo caráter preconceituoso e de intolerância religiosa, ou seja em palavras uma nação fascista. Foucault (1999) ao citar as barbáries utilizadas para conter, reprimir e controlar os corpos e indivíduos, mostra o papel da moral religiosa como forma de castigo e tortura:

Enfim, a lentidão do suplício, suas peripécias, os gritos e o sofrimento do condenado têm, ao termo do ritual judiciário, o papel de uma derradeira prova. Como qualquer agonia, a que se desenrola no cadafalso diz uma certa verdade: mas com mais intensidade, na medida em que é pressionada pela dor; com mais rigor, pois está exatamente no ponto de junção do julgamento dos homens com o de Deus; com mais ostentação, pois se desenrola em público. O sofrimento do suplício prolonga o da tortura preparatória; nesta, entretanto, o jogo não estava feito e a vida podia ser salva; agora a morte é certa, trata-se de salvar a alma. O jogo eterno já começou; o suplício antecipa as penas do além; mostra o que são elas; ele é o teatro do inferno; os gritos do condenado, sua revolta, suas blasfêmias já significam seu destino irremediável. Mas as dores deste mundo podem valer também como penitência para aliviar os castigos do além; um martírio desses, se é suportado com resignação, Deus não deixará de levar em conta. A crueldade da punição terrestre é considerada como dedução da pena futura; nela se esboça a promessa do perdão. Mas pode-se dizer ainda: um sofrimento tão vivo não seria sinal de que Deus abandonou o culpado nas mãos dos homens? E longe de garantir uma futura absolvição, ele representa a danação iminente; enquanto que, se o condenado morre rápido, sem agonia prolongada, não é isso a prova de que Deus quis protegê-lo e impedir que ele caísse no desespero? Portanto, ambiguidade desse sofrimento que pode do mesmo modo significar a verdade do crime ou o erro dos juízes, a bondade ou a maldade do criminoso, a coincidência ou a divergência entre o julgamento dos homens e o de Deus. Daí essa extraordinária curiosidade que leva os espectadores a se comprimirem em torno do cadafalso e do sofrimento que este exhibe; leem-se aí o crime e a inocência, o passado e o futuro, este mundo e o eterno. Momento de verdade que todos os espectadores interrogam: cada palavra, cada grito, a duração da agonia, o corpo que resiste, a vida que não quer ser arrancada, tudo isso vale por um sinal: o homem que viveu “seis horas na roda, não querendo que o executor, que o consolava e o encorajava sem dúvida por sua iniciativa, o deixasse um só instante”; o que morre com os sentimentos mais cristãos, e demonstra o mais sincero arrependimento; o que “expira na roda uma hora depois de lá ter sido posto; dizem que os espectadores de seu suplício ficaram comovidos com suas demonstrações exteriores de religião e de arrependimento”; o que revelara os mais claros sinais de contrição durante todo o trajeto até o cadafalso, e que, colocado vivo na roda, não cessa de “dar gritos pavorosos”; ou ainda a mulher que “conservava o sangue frio até o momento da leitura do julgamento, mas cuja cabeça começou então a ficar perturbada; e completamente louca, ao ser enforcada”.<sup>24</sup> O ciclo está fechado: da tortura à execução, o corpo produziu e reproduziu a verdade do crime. Ou melhor, ele constitui o elemento que, através de todo um jogo de rituais e de provas, confessa que o crime aconteceu, que ele mesmo o cometeu, mostra que o leva inscrito em si e sobre si, suporta a operação do castigo e manifesta seus efeitos da maneira mais ostensiva. O corpo várias vezes supliciado síntese a realidade dos fatos e a verdade da informação, dos atos de processo e do discurso do criminoso, do crime e da punição. Peça essencial, consequentemente, numa liturgia penal em que deve constituir o parceiro de um processo organizado em torno dos direitos formidáveis do soberano, do inquérito e do segredo (FOUCAULT, 1999, P. 64).



Essa crítica feita por Foucault pode ser atualizada quando observamos a violência e intolerância que sofrem as minorias principalmente de mulheres e LGBT'S. Na qual são vítimas de feminicídio e LGBTfobia em nome de moral e princípios ideológicos religiosos. O exemplo são parlamentares da bancada evangélica usarem discursos de ódio no poder legislativo brasileiro: “Direitos Humanos são só para humanos direitos” e “Ela não merece (ser estuprada) porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas se fosse, não iria estuprar porque não merece.” O desafio dos atuais educadores e estudantes é barrar esse modelo de sociedade que oprime, segrega, violenta e doutrina parte da população, quando o maior alvo desse processo se tornou educação onde crianças podem ser manipuladas com maior facilidade já que estão em processo de formação de caráter. De forma alguma tenho a intenção de ofender práticas religiosas das mais variadas composições, minha intenção é refletir de forma crítica e objetiva sobre um modelo de sociedade que nos está sendo imposta de forma hegemônica e doutrinadora. De acordo com Pelizzoli (2014):

As religiões são em geral os espaços constituídos para viver a espiritualidade; porém, não podem se considerar o monopólio dela. Há um tipo de prisão que pode se formar desta ideia, remetendo ao extra eclesial *nulla salus*, prisão dicotômica entre o dentro e o fora; se estou dentro da religião, ou na missa, ou no retiro, no templo etc. estou na presença, no espírito; se estou fora, estou no mundo, mundano, pecaminoso, *samsara*. E assim, marca-se a fissão entre um e outro, bem como a sua oposição; o é assim quando tenho que combater um dos lados. Se sou religioso, combato o mundo, tanto quanto o “mal”, se sou antirreligioso, posso querer combater o religioso, não o aceitando, e achando que apenas o ateísmo é o certo. Infelizmente, hoje, a neurose maior está do lado de grupos religiosos que – à semelhança de tempos de trevas – começa a combater o diferente: homossexual, religiões afro-brasileiras, certas danças, símbolos, etc. Tal visão cria um bode expiatório para projetar seu mal estar, sua unilateralidade[...] (PELIZZOLI, 2014).

Entre todas as problemáticas políticas e ideológicas levantada sobre as religiões e principalmente as hegemônicas, está a apropriação do discurso doutrinário que poda as potencialidades individuais da capacidade de transcendência com universo exterior e comungar os encantos dos universos pessoais interiores. A crença na existência de pessoas na qual possuem dons especiais e extraordinários, pode levar a detenção de poder um seleto grupo e a castração das potencialidades de todos os indivíduos a desenvolver sua dimensão espiritual, autonomia, criatividade e por fim trilhar o próprio caminho da vida.

Por isso, refletir sobre a espiritualidade desvinculada das práticas religiosas pode ser um caminho sem volta a encontro com do potencial humano de conexão com tudo o que há.

## 5- A espiritualidade

A etimologia da palavra espírito vem do latim *spiritus* que significa respiração ou sopro, ou seja a origem da palavra espiritualidade está ligada ao ar que alimenta o corpo físico um elemento primordial para existência do indivíduo. Pelizzoli ao conceituar espiritualidade diz:

Espiritualidade não é um conceito tácito, claro. Remete a uma gama de significantes que denotam, a partir dos pressupostos de seu usuário, “pre-conceitos” culturais, históricos, emocionais, racionais, mentais, de ordens diversas. Sabe-se que a palavra remete a espírito, em geral, entendido como algo imaterial, perene, volátil, etéreo, transparente, fantasmagórico, mas também à essência, a qual é o “espírito da coisa”, e substância fundamental. Na filosofia moderna era sinônimo de Razão, de um sentido superior do qual o homem é dotado enquanto consciência cognitiva, intelectual. Não é o espírito que possui o ser humano (como para os antigos), mas o contrário. A Razão arrasa a alteridade, aquilo que ela considera estranho na vida. Pode-se, com certo cuidado, afirmar que a dimensão espiritual é parte que integra a ontologia do humano – sua essência, dir-se-ia em outras épocas (PELIZZOLI, 2014).

A dimensão espiritual é intrínseca no ser humano, faz parte das dimensões que compõem a integralidade do ser, comumente nomeamos também as dimensões de corpos ou campos, entendendo que cada pessoa possui corpos ou campos de composição integral. Dessa forma possuímos cinco corpo, campos ou dimensões básicas, os outros são desdobramento das principais que são elas: corpo físico, corpo sensorial, corpo mental, corpo emocional e corpo espiritual, lembrando que esses corpos ou dimensões elas comunicam permanentemente, essa comunicação é fluída mas muitas vezes pode ser obstruída por algum trauma, crença ou outro signo que tenha atravancado o fluxo constante dessa comunicação fazendo com que algum corpo se desenvolva em detrimento de outros.

A espiritualidade é um campo amplo por isso sempre foi alvo de estudos, além de passar pelo caminho das crenças pessoais se torna um campo extenso e extraordinário.

rio, na qual temos vastas definições e poucas delimitações do que é ou pertence a espiritualidade. Para Policarpo Junior (2012) “A espiritualidade não está fora da vida, mas é parte dela. Falando com mais rigor, a espiritualidade é um modo de viver a própria vida. Em nenhum lugar podemos encontrar a dimensão espiritual separada do viver, pois não há um compartimento especial reservado para a mesma. Compreender isso já é parte da vivência espiritual.” Permeamos desde conexões transpessoais e transcendentais até viagens nos universos internos individuais, na busca por conceituar espiritualidade, encontrei nos diversos textos e leituras definições distintas porém todas giravam em torno de três caminhos que confluem: o primeiro a conexão transcendental e transpessoal; o segundo permeia a sincera busca interna através do autoconhecimento com o objetivo de encontrar a verdadeira essência; e o terceiro é o despertar do fluxo de consciência amorosa. Me dedicarei a explorar esses temas com de forma que elucide a potencialidade e grandeza do caminho espiritual.

### ***5.1- A conexão Transcendental:***

A origem da palavra transcendência está relacionada ao monte olimpo da mitologia grega, significa estar além dos limites do mundo. Podemos observar em diversos locais e períodos distintos, a busca pela conexão com algo superior a humanidade, diversos povos e civilizações acreditam na comunhão com o que transcende a existência humana. As crenças variam de acordo com a localidade e com contexto histórico cultural, mas há uma convergência entre elas: o indício de uma força sobrenatural que controla as leis do universo. Alguns chamavam de deusa, deus, deuses, energia, comos, guias, orixás, universo ou física. Independente da divindade seja ela representada ou não, há um consenso sobre uma força transcendente à humanidade.

A conexão com o transcendente é um dos anseios dos indivíduos que reconhecem sua dimensão espiritual. Grof dedicou parte de sua obra a investigar as conexões com transcendente das mais variadas formas e afirma: “ As experiências transpessoais que envolvem transcendência de barreiras espaciais sugerem que os limites ente o indivíduo e o resto do universo não são fixos ou absolutos. Sob circunstâncias especiais é possível identificar-se vivencialmente com qualquer coisa no universo, incluindo o próprio Cosmo.” (GROF, 1997, p.60)

Diferentes formas são encontradas para se conectar com a força motriz universal, todas elas possuem objetivos semelhantes, nos tornamos um com o universo, essas experiências nos permite ver além da matéria, ver que o plano material é insuficiente a grandeza do universo, mas não podemos nos esquecer que é nesse plano que existimos, é a terra que habitamos e com isso comungamos. Acredito que a fonte energética universal é uma fonte de amor incondicional, e é esse amor puro e verdadeiro que procuramos quando buscamos a conexão com o transcendente, esse amor vive em dentro de nós e nos buscamos lembrar quem somos a partir da consciência amorosa, somos amor, somos um só com o universo.

É necessário lembrar que todos os seres tem capacidade de conexão direta com o transcendente não precisando de terceiros para isso. Porém é primordial dedicação, entrega e confiança na sua própria jornada, pessoas na qual possuem maior conexão, são pessoas que dedicam maior tempo de sua jornada a conectar-se com essas experiências. Refletindo sobre essa condição

A espiritualidade não visa, pois, a superarmos ou transcendermos nossa condição humana, mas, pelo contrário, a entrarmos profundamente em contato com nossa humanidade, em tudo que esta possui de luminoso e de sombrio. A vida espiritual é um chamado a experimentarmos a inteireza de nosso ser, a nos tornarmos familiarizados conosco mesmos, de modo a incluir conscientemente em nosso ser todas aquelas dimensões que negamos ou ignoramos. Trata-se de um processo de vermos a nossa unidade essencial (POLICARPO JUNIOR, 2012)

Acreditar que o divino interfere na condição humana auxilia diversas pessoas a enfrentarem sua própria realidade e modifica-la, de fato a conexão com o divino, transcendente ou a energia de fonte de tudo que é alimenta, sustenta, acolhe, nos traz o conforto de nos sentirmos conectados com tudo universo, nós sentirmos amados. Esse amor nos alimenta, mas o caminho espiritual não se esgota apenas na conexão com transcendente, essa experiência nos faz ter vislumbres de quem essencialmente somos e nos mostrar o potencial que temos adormecidos dentro de nós. Acordar essa potencialidade amorosa é o próprio caminho, dessa maneira é indispensável a visita dos mundos internos e a autotransformação.

## 5.2 - O universo interior e a auto descoberta:

“Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo”

(Sócrates)

Chamamos de caminho espiritual decisões, escolhas, práticas e experiências que nós auxiliam encontrar nossa verdadeira essência, é o caminho que alimenta o espírito, escolher trilhar um caminho espiritual é uma decisão de coragem e para corajosos, pois é necessário olhar para dentro nós mesmo. Mas ao olhar internamente nos deparamos com sentimentos, traumas, pensamentos, lembranças e emoções que ficam contido nos universos do consciente, subconsciente e inconsciente. Esses bloqueios a qual denominei de sombra é tudo aquilo que foi gerado a partir dessas experiências que bloqueiam a nossa verdadeira essência, ou seja toda a maldade, negatividade e desarmonia que existe dentro de nós. Pelizzoli (2014) conceitua sombra como:

O cultivo da espiritualidade, para ser sadio, precisa encontrar-se com o “Eu sem defesas”, e com a Sombra que se manifesta no ódio oculto ao outro, ao diferente, na inveja, na estratégia de vitimização de si ou de outrem, na crueldade com a natureza e no consumo dos animais; no olhar preconceituoso para com a mulher, ou os homossexuais; nas depressões etc. A Sombra pode ser bastante perigosa, mais ainda para quem não lida com ela, não a torna algo consciente, não ouve de algum modo seus apelos, sejam eles considerados “selvagens” ou instintuais, animais. A repressão grosseira da Sombra e do Desejo volta como “retorno do reprimido”, contra si e contra outrem. É preciso pagar algumas contas para estar de bem com a espiritualidade. Além do que esta não é somente romântica, divinizante, mas precisa as vezes passar pelo inferno humano de cada um e sua história pessoal. (PELIZZOLI 2014)

Coragem é o que precisamos para olhar as mazelas que estão escondidas, trancadas e enclausuradas no nosso ser, elas que nos separam da consciência amorosa, “A maldade é nada mais do que o resultado dos mecanismos de defesa que desenvolvemos para nos proteger da dor dos traumas que vivemos na infância. Quanto maior a maldade, maior a dor. Esse é um ponto que precisa ser realmente compreendido, pois é a chave para a libertação está na compreensão da origem da maldade, ou eu inferior.” (BABA, 2015, p. 30). Essas atritos dolorosos que geram sombra aflige parte da humanidade para Stanislav Grof citado por Santos Neto a humanidade necessita re-ligar suas dimensões internas e psique:

“ O sujeito religado pode contribuir favoravelmente para a construção de uma cultura de paz e solidariedade. Grof chega mesmo a dizer que situações de exploração, opressão, miséria, guerras e enfermidades que a nossa humanidade vive são sintomas de problemas – não apenas econômicos, políticos e tecnológicos, Eles são reflexos do estado emocional, moral e espiritual da humanidade contemporânea (...) Esses elementos destruidores e auto destrutivos na atual condição humana são uma consequência direta da alienação da humanidade do estado emocional, moral e espiritual da humanidade moderna tanto de si mesma como da vida e dos valores espirituais” (SANTOS NETO, 2006 p. 26)

Jung correlaciona algumas práticas sociais as dores da alma que humanidade carrega, é comum usarmos artifícios externos como válvulas de escape para não entrarmos em contato com a dor, muitos de nós nos amortecemos para fugir do interno “Seus deuses e demônios absolutamente não desapareceram; têm, apenas, novos nomes. E o conservam em contato íntimo com a inquietude, com apreensões vagas, com complicações psicológicas, com uma insaciável necessidade de pílulas, álcool, fumo, alimento e, acima de tudo, com uma enorme coleção de neuroses (JUNG, 1964. p. 82).

Alguns pilares e valores julgo essenciais para a caminhada espiritual o primeiro já disse é a coragem de olhar para dentro, Peck ao referir-se do amor lembra-nos da coragem necessária do caminho “ O amor é sempre trabalho ou coragem. Se um ato não é de coragem ou trabalho, não é um ato de amor” (PECK, 1994, p.109), o segundo é auto responsabilidade todos nós somos auto responsáveis pela nossa realidade, temos a condição de assumir a compromisso com a verdade, identificar e assumir nossos próprios erros para assim acabar os jogos de acusação que são estabelecidos nas relações humanas que possuem finalidade de detenção do poder. O terceiro é a determinação na qual julgo primordial para o sucesso da caminhada, determinar-se com seu próprio caminho e vivenciar seu próprio destino é sem duvidas umas das formas mais bonitas de se comprometer com a liberdade de amar.

O crescimento espiritual é uma jornada para além do microcosmo, rumo ao macrocosmo ainda maior. Nos seus primeiros estágios é uma viagem de conhecimento e não de fé. Para escaparmos do microcosmo das nossas experiências anteriores e nos libertarmos das transferências, é necessário aprendermos. Devemos expandir continuamente nosso reino de conhecimento e nosso campo de visão através da digestão e incorporação de novas informações (PECK, 1994, p. 176).

O cultivo do silêncio ou a meditação é como uma poderosa ferramenta de cura, essa prática nos permite observar internamente tudo o que se passa, sem julgamento moral ou ético, apenas a observação e a concentração no momento presente, ela auxilia a sustentar a conexão, ouvir, sentir e presenciar a cura dentro de nós mesmos. Oliveira (2015) a descrever os processos intuitivos fala sobre a meditação: “A meditação compreendida como técnica, como preparação da mente para uma consciência constante, que parece consistir no silenciar da mente pensante e na transferência da consciência do modo racional para o intuitivo” (Oliveira, 2015, p. 63) .



*Figura 02: O Buda meditando no momento da sua iluminação.*

A meditação também auxilia no estado de presença no presente, frase meio redundante mas é isso mesmo que ela quer dizer, a maior parte do tempo nos encontramos lembrando do passado ou planejando o futuro e esquecemos do importante, viver a vida agora, sem expectativa ou frustração, o estado de presença pode auxiliar a tomar as rédeas da própria vida, auto responsabilidade dos próprios processos. Existem outros inúmeros caminhos que nos auxiliam no processo da cura das dores internas e a galgar os degraus rumo a consciência amorosa, citei a meditação como uma referência na qual acredito ser uma das grandes curas que a nossa sociedade de consumo carece. Para Baba (2015), o trabalho para a purificação de nossas sombras é árduo mas é recompensador, cita sobre um coração livre de emoções tóxicas:

Um coração puro é um coração que não julga. É um coração que não acusa e não compara. Ele não deseja. Um coração puro aceita e perdona. Agradece e ama. Ama de forma desinteressada. Um coração puro é aquele que não se identifica – ele só observa. E o fluxo de vida e de amor é interrompido. Um coração puro se expressa através de uma mente equânime. [...] Ele está além dos dramas de controle, além da natureza do eu inferior, pois sempre vibra em gratidão. Ele vê o universo como um amigo que está sempre inspirando a evolução. O coração puro está sempre celebrando a vida: o Sol, a Lua, as estrelas, o vento, as flores, o sorriso e tudo aquilo que se expressa através de um ser humano, porque ele compreende que tudo é o sagrado. Tudo que se manifesta neste plano são expressões do jogo divino. Assim, um coração puro é livre, pois não se prende a nada (BABA, 2015, p.63)

### ***5.3 - O despertar do Amor:***

Prabhu aap Jago Parmatma Jago  
Mere Sarv Jago Sarvatr Jago  
*Sukanta Ka Khel Prakash Karo*

Que o amor desperte, desperte em mim, amor desperte em todos e todos os lugares. - mantra da linhagem Yogui – Sachcha ( BABA, 2015, p.21)

O amor a qual falamos dentro da busca espiritual está longe de ser o amor romântico, apaixonado entre um casal, é um fluxo energético que podemos denominar de consciência amorosa, essa fluidez de energia está presente em todos os seres do universo, desta forma também possuímos esse fluxo de energia constante. Ela é o próprio transcendente da alma humana. A maior parte das pessoas acreditam conhecer o amor, mas conhecem apenas uma ilusão ou uma falsa ideia do que realmente é, desconhecem o amor na essência pura, pois como visto anteriormente a dor e o medo bloqueiam o fluxo de consciência amorosa interno, dessa maneira, numerosas vezes indivíduos confundem a consciência amorosa com paixão, posse, dominação e todos os demais sentimentos que estão a serviço das mascaras e do eu inferior que são sustentados e alimentados por dor e sofrimento, essa situação é causada sobre tudo pelo rompimento com o amor, Peck (1994) se empenha a dialogar sobre o tema e nos alerta sobre as armadilhas que a ilusão que amor pode nos causar, cita como a dependência e a necessidade de dominar é constate nas relações humanas, mas a consciência amorosa é livre, não cobra, não vinga, não domina apenas ama sem expectativa no outro, ela apenas existe. Muitos desses processos são inconscientes e que necessitamos observa-los, resgata-los e cura-



los . Ao identificar essas dores e traumas e dissolve-las voltamos a caminhar para nos tornarmos fluxo incessante de amor. Para Prem Baba (2015):

Podemos dizer então que a meta do ser humano é retornar ao estado esquecido de unidade, o que é sinônimo de despertar do amor. Digo “despertar”, porque o amor encontra-se em estado adormecido dentro de nós. Sem amor, experimentamos a vida como sonâmbulos [...] Despertar do amor é a razão mais profunda de estarmos aqui. Isso é o que nos move nesse plano (BABA, 2015, p. 20)

Para Maturana o amor está ligado a biologia humana, é natural do indivíduo amar:

O amor é a expressão de uma congruência biológica espontânea, e não tem justificação racional: o amor acontece porque acontece, e permanece enquanto permanece. O amor é sempre à primeira vista, mesmo quando ele aparece após circunstâncias de restrições existenciais que forcem interações recorrentes; e isso é assim porque ele ocorre somente quando há um encontro em congruência estrutural, e não antes. Finalmente, o amor é a fonte da socialização humana, e não o resultado dela, e qualquer coisa que destrói o amor, qualquer coisa que destrói a congruência estrutural que ele implica, destrói a socialização. A socialização é o resultado do operar no amor, e ocorre somente no domínio em que o amor ocorre (MATURANA, 1997, p.185)

Ao falar do amor não como um sentimento, mas como um fluxo de consciência superior unimos a consciência amorosa uma série de valores essenciais humanos os compõem, ou seja do amor derivam-se sentimentos como: alegria, paz, liberdade, autonomia, amizade, união, empatia, respeito, carinho, cuidado, fraternidade, caridade, sabedoria. Comparo o caminho espiritual a uma flor de lótus, essa flor nasce de uma água lodosa e mal cheirosa e emerge da lodo para a superfície e desabrocha sobre a água em busca de luz, ela se transforma em uma das mais belas flores, da mesma forma o indivíduo transforma suas escuridões em amor divino. A flor de lótus é a promessa da pureza de coração. “O amor é uma qualidade, uma fragrância do Ser, ou seja, uma manifestação da própria essência do ser humano” (BABA,2015, p.19).



Figura 03: Flor de Lótus - flor oriental que nasce de uma água lodosa e suja. O seu simbolismo para as tradições orientais é a pureza do corpo, mente e coração.

Esses três principais caminhos da espiritualidade estão em constante conexão, observe-os como um ciclo contínuo, como uma mandala interminável. A conexão com transcende alimenta alma, traz força e coragem para o autoconhecimento e o trabalho interno, esse que por sua vez abre espaço para o despertar do amor, a consciência amorosa traz o caminho do coração que por sua vez se conecta com transcendente e dessa forma o ciclo só se finaliza com a purificação completa do nosso coração e nós tornarmos um com a fonte, a divina presença do amor.

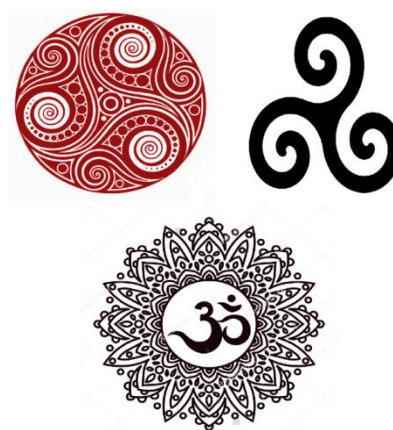


Figura 04: primeiro e segundo são o mesmo símbolos representação de trindade celta; o símbolo abaixo conhecido por OM é símbolo hindu e representa a criação do universo Ambos são símbolos que representam a trin-

## 6- Educação e espiritualidade

A educação e principalmente a escola se tornou palco para grandes discussões teóricas, esse trabalho vai na direção contrária ao modelo atual de educação, e se tornou o espaço para a militância amorosa, o que significa que é uma resistência ao modelo de educação e de nação liberal e positivista que nos estão sendo impostos por grupos políticos com interesses claros de preservação do poder, assim manter a população dominada, doutrinação e principalmente alienada. Dessa maneira, resistimos por uma educação amorosa, reflexiva, afetiva, integral, emancipadora, de pensamento crítico e principalmente humana. Ou seja, lutaremos por espaços que dê condição ao povo de se emancipar.

O modelo de educação atual está voltado prioritariamente para o desenvolvimento do intelecto em detrimento das outras dimensões de integralidade do ser, dimensões essas que são amordaçadas e menosprezadas. Colhemos hoje os frutos do desequilíbrio das dimensões humanas. O atual modelo de sociedade é um modelo falido em diversas áreas, desde relação humanas, formas de consumo, meio ambiente, saúde, economia, relações de trabalho, todas em geral processos exploratórios sejam eles de pessoas, animais ou meio ambiente. Cujo, o desequilíbrio da sociedade atual é também é derivado da desarmonia das dimensões dos indivíduos, onde a escola foi palco desse processo. Para Grof citado por Santos Neto o verdadeiro problema social está na falta da conexão do indivíduo consigo mesmo é o que ele chama de Re-ligar :

Não apenas econômicos, políticos e tecnológicos. Esses, são reflexos do estado emocional, moral e espiritual da humanidade contemporânea.(...) Esses elementos destruidores e autodestrutivos na atual condição humana são uma consequência direta da alienação da humanidade moderna tanto de si mesma como da vida e dos valores espirituais (SANTOS NETO, 2006, p.26).

A geração atual refém da revolução tecnológica sofre algumas consequências da desconexão com suas demais dimensões corpóreas, a cada dia o processo de racionalização se torna mais denso nas esferas sociais, o número de pessoas diagnosticadas com depressão e ansiedade aumentam, de acordo com a Organização Mundial de Saúde - OMS atualmente 33% da população mundial sofre com distúrbios de depressão e ansiedade. Esse número é no mínimo alarmante, mas é fruto do modelo atual de sociedade que afastou o indivíduo da sua verdadeira essência, podando e castrando suas reais potencialidades. Para Althusser a esse modelo de escola tem o objetivo de manutenção de poder:

A Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam saberes práticos, mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da prática desta. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, não falando dos profissionais da ideologia (Marx) devem estar de uma maneira ou de outra penetrados desta ideologia, para desempenharem conscienciosamente a sua tarefa - quer de explorados (os proletários), quer de exploradores (os capitalistas), quer de auxiliares da exploração (os quadros), quer de papas da ideologia dominante (os seus funcionários), etc .... A reprodução da força de trabalho tem pois como condição *sine qua non*, não só a reprodução da qualificação desta força de trabalho, mas também a reprodução da sua sujeição à ideologia dominante ou da prática desta ideologia, com tal precisão que não basta dizer: não só mas também, pois conclui-se que é nas formas e sob as da sujeição ( ALTHUSSER, p. 22).

Assumir a falência de todos esses modelos sociais, econômicos, políticos, educacionais e etc. É o primeiro passo para buscarmos as soluções para os atuais problemas na nossa sociedade, acredito profundamente no potencial da educação como transformadora social. Para Gonçalves:

A escola e sua cultura, amparada e legitimada pela sociedade que lhe concede crédito, valor e sentido, se esforça em manter a verticalização do processo educativo, dentre outras coisas, outorgando ao professor uma função “salvacionista”, contribuindo para a ideia de que o docente é um sujeito superior dentro de classe, o ser responsável por iluminar os “sem luzes”, pobres ignorantes que às vezes possuem somente os direitos de obedecer, compreender e reproduzir. Aqui, Vigotsky

(2010) critica o fato dos alunos aprenderem quaisquer conteúdos disciplinares somente para passarem num exame escolar que resumidamente qualifica-os e rotula-os em números frios e inexpressivos (GONÇALVES, 2014).

Dessa forma lutar por uma educação integral e emancipadora pode ser um processo de cura social, onde resgataremos a nossa verdadeira essência como humanidade. Esclareço não há pretensão de imaginar escola como Herói da sociedade, mas reconhecimento seu potencial de intervenção social. Pensar e fazer uma escola emancipadora, integral, amorosa e crítica, se tornou o trabalho de grupos resistência amorosa na educação. Para Freire (1996, p. 41): “a pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”.

Antes de falar da educação e espiritualidade é necessário situarmos de que indivíduo estamos falando, um ser formado por dimensão que se integram e elas são características da condição humanas, ou seja nos tornamos humanos pela a composição é física, sensorial, mental, emocional e espiritual. Como já falamos caminhamos para um local que gerou uma sociedade doente, mas o que vemos no exterior é apenas o reflexo interior dos indivíduos, é necessário olhar para trás e perceber o que deixamos de trazer na mala, ou seja perceber quais dimensões foram esquecidas pela por nós.

O campo emocional é um dos pilares que foram esquecidos, é onde sentimos profundamente a existência humana, nesse campo que soterramos e guardamos o que já chamamos de sombras (emoções, traumas, sentimentos, lembranças), muitas das nossas ações são reações das nossas sombras, o cultivo do silêncio é uma ferramenta poderosa que nós auxilia a estar presente nas nossas ações, identificar as emoções e assim nos emancipar das nossas próprias mazelas, assumir a autonomia da própria vida. De acordo com Baba (2015) esse trabalho deve ser feito a partir da primeira infância, onde são originados os primeiros traços de separação com amor incondicional. O mesmo indica que começemos com práticas de um minuto e vá aumentando com o tempo a escuta sensível também é uma chave importante para o tanto das emoções, ela está ligada a comunicação com outro, ouvir e respeitar auxilia no desenvolvimento da compaixão e empatia. A espiritualidade como dimensão é o que nos permite conexão com transcendente, autotransformação, ampliação e elevação da consciência amorosa. É a espiritualidade que nos conecta com tudo, nos conecta conosco, com o outro e com universo. Ela

desperta qualidades humanas que a muito estão adormecidas, ela permite que caminhemos em busca de ser a nossa verdadeira essência, nos permite amar e nos ensina a lidar com as situações da vida. “em nenhum lugar podemos encontrar a dimensão espiritualidade separada do viver.” (POLICAPO JUNIOR, 2012).

Uma educação livre e integral é uma educação que respeita as dimensões externas e internas do indivíduo, estimular os valores básicos intrínsecos a humanidade. Pensar uma educação que desde a primeira infância esteja empenhada em desenvolver a criança por inteiro, pensando todas as suas dimensões, desde o incentivo das dimensões mais matéricas como o brincar, o criar até as dimensões mais sutis como aprender a lidar com suas emoções e a perceber sua dimensão espiritual, claro que por se tratar de crianças há necessidade de um processo sério, fluído e orgânico. Ao refletir sobre a educação transpessoal Boff diz:

O capitalismo criou uma cultura do eu sem nós. O socialismo criou uma cultura do nós sem o eu. Agora precisamos da síntese que permita a convivência do eu com nós. Nem individualismo nem coletivismo, mas democracia social e participativa. Precisamos fazer uma auto correção com referência à percepção do ser humano, à integração do feminino e à aliança com a natureza. Daí pode nascer a nova espiritualidade e o fio que tudo re-liga (BOFF, p.71)

A educação integral é a educação auxilia o indivíduo a ter condições de trilhar e seu próprio caminho, a ser auto responsável, a ter pensamento crítico, a lidar com suas emoções, a ter ações em vez de reações, desenvolver disciplina, ter escuta sensível, a desenvolver valores como: amor, verdade, respeito, união, senso de comunidade, empatia, solidariedade, alegria, paz, harmonia, criatividade, honestidade, humildade, justiça, igualdade social e etc. É a educação que nos proporciona alcançar o processo natural e orgânico de desenvolvimento equânime do potencial criativo humano. Para Gonçalves (2014) a educação e espiritualidade:

Reafirmo a ideia de que educar espiritualmente é possibilitar o desenvolvimento e emancipação dos educandos via aspectos morais, éticos, emocionais, intelectuais e espirituais. Contudo, não é ensinar religião. Não é impor nenhum tipo de credo. Pois, isso iria de encontro com o “instinto de fé” por mim conceituado anteriormente, ou seja, na capa-

cidade que a nossa espécie tem de crer em coisas materiais [cotidianas ou não] e imateriais [espirituais, mas não necessária e unicamente religiosas] (GONÇALVES. 2014)

É nosso desafio como sociedade construir uma educação emancipadora que leva em consideração todas as dimensões humanas, com seriedade, disciplina, entrega conhecimento, dedicada à desenvolver habilidades emocionais, espirituais, físicas, mentais e sensoriais é sem dúvida um dos caminhos que podemos trilhar como sociedade.

Aos educadores acredito que o desafio é maior, devemos a todo o momento avaliar a prática pedagógica, quando atrelados à educação e espiritualidade acredito que não só a prática pedagógica, mas todos a vida e sua construção social, a auto observação e a reforma de ações e pensamentos são necessárias, pois à partir do contato com eu interior e práticas que levam o desenvolvimento “espiritual” e emocional, o indivíduo conseguirá entrar em estado de presença e diminuir até acabar com as reações do cotidiano. Estar no estado presente, auxilia com que o educador administre o espaço educativo de forma que incentive os indivíduos a desenvolver autonomia, inteligência intelectual, inteligência emocional, experiência e inteligência espiritual. Para isso é necessário que o educador possua clareza de sua responsabilidade no espaço educativo, auto responsabilidade, seriedade, compromisso, comprometimento, sinceridade, amor, respeito, disciplina (não autoridade), entre muitas outras atribuições que auxiliam o educador tanto na prática educativa, quanto na sua jornada como ser. Freire ao refletir sobre o processo de autotransformação dos educadores para o despertar de autonomia, como prática libertária não só para os educadores mas também para os educandos diz: “No fundo, o essencial nas relações entre o educador e o educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.” (FREIRE, 1996, p.35).

Precisamos ter cautela quando trabalhamos educação e espiritualidade em espaços educativos, pois como já alertei anteriormente a linha é tênue entre religiosidade e espiritualidade, precisamos considerar a dimensão espiritual desvinculada de práticas religiosas que por sua vez podem se tornar práticas proselitistas. A imposição de qualquer prática religiosa onde há dissentimento é uma prática ilegítima. Outro cuidado necessário é que chamamos de materialismo espiritual, a elitização de espaços que se dizem espiritualizados, lembramos que espiritualidade é intrínseca a todos os seres, dessa forma todos de todas as classes, raça e gênero possuem direito pertencer a esses espaços, principalmente espaços educativos. Assim, a educação espiritual tem o objetivo de

relembrar que somos unidade com a consciência amorosa e que nossa condição divina é amar.

Por fim, o objetivo desse ensaio era refletir de que maneira espaços educativos poderiam se constituir num espaço que proporcione de vivência da espiritualidade para o desenvolvimento pleno do indivíduo. Chego à conclusão que o caminho espiritual nada mais é que o caminho da vida, quando procuramos nos tornar um conosco, um com outro e um com o universo. A educação tem papel fundamental no auxílio do desenvolvimento integral do ser, o caminho espiritual ou o caminho da vida é pessoal e intransferível, uma educação que permita o desenvolvimento pleno e integral de todas as potencialidades humanas é de fato a utopia que almejo para nossa sociedade, uma sociedade justa onde, todos os seres tenham a possibilidade de encontrar seu propósito de vida e viver o despertar da consciência amorosa.

Além do objetivo de pesquisa esse ensaio possuía outro objetivo, a reflexão da minha própria caminhada espiritual, ao longo do processo passei por inúmeras desconstruções que foram intensas e necessárias, quedas me serviram para levantar e olhar as armadilhas que existem ao longo do caminho, hoje após esse trabalho mais uma nova Mariana surgiu no planeta, aquela que começou escrever esse ensaio já não existe mais, a auto reflexão me auxiliou a desconstruir meu entendimento de espiritualidade. Eu, dogmática e sectária, vestia a máscara da espiritualizada, o caminho havia se tornado duro e sem alegria pelos dogmas que havia incrustado nas minhas crenças, o julgamento dos que não seguem “caminho espiritual” eram corriqueiros. E que espiritualidade era essa que julga e segrega? Olhar para interior e ver minhas sombras e reconhecer se tornou um processo indomesticável. Hoje sou mais livre do que ontem, espero que amanhã seja mais livre do que hoje, que mais Marianas fênix morram e renasçam de suas próprias cinzas, meu caminho se tornou alegre, amoroso (verdadeiramente) e fluído, caminho com minhas próprias pernas olhando sempre para frente, retornando o caminho que à verás havia esquecido, o caminho de casa, o caminho do coração, o caminho do amor.

Que o AMOR desperte em todos e em todos os lugares!

GRATIDÃO



## **7- Próximos passos da caminhada...**

Planejar, sonhar, criar e desenhar o futuro são hábitos que criamos na vida e nos auxiliam a dar sentido a nossa existência. De fato, tento me manter a cada dia vivendo o presente, sem criar muitas expectativas do futuro, aproveitando a vida agora, aproveitando os momentos, dessa forma creio na possibilidade de VIVER A VIDA, caminhaR minha estrada, porém já dizia Shakespeare ao refletir coisas que aprendemos na vida: “Aprende que não importa até o ponto onde já chegamos, mas para onde estamos, de fato, indo – mas, se você não sabe para onde está indo, qualquer lugar servirá.” Em parte descordo quando afirma que não importa onde chegamos, onde chegamos na minha perspectiva é resultado de tudo que já caminhamos, das pedras caminho, dos degraus, das flores e frutos que colhemos e aproveitamos. Mas saber para onde estamos indo, de fato nos impede de parar em qualquer lugar, ou seja é necessário trilhar ao menos um esboço da nossa viagem.

Dessa forma meu roteiro para viagem da vida continua, minha estadia pela Faculdade de Educação está na reta final, ou não. Pretendo continuar meus estudos sobre Educação e Espiritualidade na pós – graduação, tenho algumas universidades em vista e com certeza a UnB é uma delas.

Piracanga será meu próximo passo após encerrar o ciclo da pedagogia, uma comunidade alternativa ao sul da Bahia, na qual possuí um projeto de comunidade justa, amorosa e livre, tenho intenção de pesquisar e estudar na Universidade viva Inkiri, onde todos os seus cursos e formação são voltados para “vida em comunidade e o início de um caminho para dentro de si, reconhecendo-se como seres de luz”

Pretendo também trabalhar por uma educação integral com crianças e adultos na casa abraço, associação sem fins lucrativos na Chapada dos Veadeiros que trabalha a serviço do amor com crianças com risco social, meu objetivo de vida é trabalhar para o despertar da amorosidade em todos os espaços, ou seja trabalhar por uma educação integral e por isso sigo na Militância do Amor.

**PODER AO POVO!**



## 8- REFENRÊCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado (notas para uma investigação). In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

\_\_\_\_\_, l .**Os aparelhos ideológicos do estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Ed. Editorial Presença, Ltda. 1996

BABA, Sri Prem. **Amar e Ser Livre: as bases para uma nova sociedade**, Fortaleza Editora Demócrito Dummar/ Agir, 2015

BOFF, Leonardo. **Nova era: a civilização planetária**; desafios à sociedade e ao cristianismo. São Paulo: Ática, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalheite. 20 ° ed. Petrópolis, Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GONÇALVES, Augusto Charan A. B. **Por uma pedagogia da espiritualidade**. II Encuentro hacia una pedagogía emancipatoria en Nuestra América . Buenos Aires: Centro Cultural De La Cooperación Floreal Gorini. 2014

GROF, Stanislav.1931 - **A aventura da auto descoberta**/ Stanislav Grof; | tradução de Sonia Augusto|. São Paulo: Summus 1997. 283p.

JUNG. Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Edição especial brasileira – 9º edição. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010. (Ed. orig. 1843).

MATURANA, H. **Reflexões sobre o amor**. In.: MAGRO, C; GRACIANO, M; VAZ, N. (Orgs). A ontologia da realidade. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

OLIVEIRA, Moisés Felix; FERREIRA, Aurino Lima. **Educação e Espiritualidade: Contribuições da Abordagem de Ken Wilber para uma Educação Integral.** UFPE, 2015

OLIVEIRA, Wesley da Silva. **Educação Popular: Uma Experiência Em Pesquisa-Ação Existencial No Quilombo Mesquita - Cidade Ocidental/Go.** 2015. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UnB, Brasília, 2015.

PECK, M. Scott. **A Trilha Menos Percorrida:** Uma nova psicologia do amor, dos valores traducionais e do crescimento espiritual/ M. Scott Peck; tradução Pedro Ribeiro – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994. 292p.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **Reflexões breves sobre Espiritualidade e Materialismo Espiritual.** In. Org. José Policarpo Junior. Recife: Instituto Formação Humana Ed. 2014. 210p.

POLICARPO JUNIOR, José. **Um caminho para uma vida integral e preciosa: Reflexões sobre espiritualidade e educação** In. Diálogo em educação e espiritualidade./ organizador Ferdinand Rohn. 2º ed. revisada-Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

\_\_\_\_\_ JUNIOR, J. **Sobre espiritualidade e educação.** In: Diálogos em educação e espiritualidade. Ferdinand Röhr (org.) Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

RÖHR, Ferdinand. **Diálogo em educação e espiritualidade.**/ organizador Ferdinand Rohn. 2º ed. revisada-Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

SANTOS NETO, Elydio dos. **Por uma educação transpessoal: a ação pedagógicas e o pensamento de Stanislav Grof/** Elydio dos Santos Neto.- S. Bernardo do Campo/ SP: Metodista; Rio de janeiro: Lucerna 2006. ( Educação & Transdisciplinaridade; v.4)

SHAKESPEARE, Willian. **Um dia você aprende.**